

RESUMO

SUPERSTIÇÕES: NÃO CREIO NELAS. MAS, QUE EXISTEM, EXISTEM!

BARBOSA, Héli da Borges Teles. (USC – PY)

RODRIGUES, Karem Cristiane Bianchi Medeiros. (UTIC – PY)

A superstição habita os pensamentos humanos desde que o “*homo*” começou a ser “*sapiens*” e, segundo Luis Câmara Cascudo, elas “resultam, essencialmente, do vestígio de cultos desaparecidos ou da deturpação ou acomodação psicológica de elementos religiosos contemporâneos, condicionados à mentalidade popular”. Contudo, Sigmund Freud pontuava que “a superstição é uma manifestação de neurose obsessiva”. Várias são as teorias que procuram explicar o fenômeno da superstição dentro da sociologia, etnologia, psicanálise e psicologia, cada uma com contribuições relevantes. A superstição varia de pessoa para pessoa, de lugar para lugar, de região para região. Algumas ficam restritas a componentes de determinadas classes: em uma família, em um povoado. Outras ficam com uma única pessoa, com seu criador, e, a maioria, é difundida entre as massas, entre os povos.

Palavras-chave: Superstição, Raciocínio humano, Fatos sociais.

ABSTRACT

SUPERSTITIONS: DO NOT BELIEVE IN THEM. BUT ARE THERE!

BARBOSA, Héli da Borges Teles. (USC – PY)

RODRIGUES, Karem Cristiane Bianchi Medeiros. (UTIC – PY)

The superstition inhabits the human thoughts since that “*homo*” started to be “*sapiens*” and, according to Luis Câmara Cascudo, they “result, essentially, of the vestige of disappeared cults or of the disfigurement or psychological accommodation of religious elements conditioned to the popular mentality”. However, Sigmund Freud pointed that “the superstition is a manifestation of obsessive neurosis”. Several are the theories that try to explain the phenomenon of the superstition in Sociology, Ethnology, Psychoanalysis and Psychology, each one with relevant contributions. The superstition varies from person to person, from place to place, from region to region. Some are restricted to components of determinate classes: in a family, a town. Others are with only one person, with their creator, and the majority is spread out among the bulks, among the peoples.

Keywords: Superstition, Human reasoning, Social facts.

SUPERSTIÇÕES: NÃO CREIO NELAS. MAS, QUE EXISTEM, EXISTEM!

Bobagem. Mas... Pensando bem... Vamos ser sinceros: quem nunca teve um frio na espinha ou, de vez em quando, não bate na madeira ou cruza os dedos para ver se dá sorte? (Domínio popular)

Superstição é um vocábulo derivado do Latim – *supers estitio* – que significa fanatismo, receio vão, culto falso, religião falsa. Geralmente as pessoas se recusam a defini-lo como crença ou prática, alegando que é “verdade” (astrologia) ou que “funciona” (procedimentos individuais de cura). Assim, alguns classificam como “supersticiosas” crenças errôneas que outros consideram verdadeiras. O termo superstição está ligado à religiosidade e, tanto ele quanto “crendice” são utilizados para definir o sentimento que se devota à crenças estranhas, significando a mesma coisa entre as pessoas de um povo. Ao se investigar tais palavras, percebe-se a sensibilidade que elas despertam em seus seguidores; nota-se que elas fazem nascer crenças subjetivas que se diferenciam na prática: o crente sublima a religião que professa com tamanha fé nos santos, rezas e promessas. É eclético, acredita um pouco em todas as religiões e, de todas, segue retalhos de ritos. Na superstição, observa-se a ausência de uma paixão religiosa entranhada e doentia. As entidades santificadas ou temíveis são substituídas por objetos, animais, vegetais, minerais, por palavras e gestos.

De acordo com estudos a cerca desse assunto, certos autores definem superstição em função da ausência de fundamento científico e por ela designam as credences ligadas, por exemplo, à ‘sexta-feira treze’ e ao ‘trevo de quatro folhas’. Porém, analisando estudos teóricos a respeito do assunto, verifica-se que, na maioria dos casos, ela é definida por seu caráter anti-religioso (HERBERT e MAUSS, 2005; DURKHEIM, 2001), como uma pseudociência (FRAZER, 1956), como resposta à insuficiência da ciência (MALINOWSKI, 1984) e ainda associada a crenças que não são religiosas nem científicas, fazendo com que seja definida de forma negativa e impossível de ser apreendida, independentemente de suas ligações com o conjunto de crenças tidas como verdadeiras pela fração dominante da comunidade religiosa mais importante, por um lado, e por outro, a da comunidade científica.

A superstição habita os pensamentos humanos desde que o *homo* começou a ser *sapiens* e, segundo Luis Câmara Cascudo (2001), em seu livro ‘A princesa Bambuluá’ elas “resultam, essencialmente, do vestígio de cultos desaparecidos ou da deturpação ou acomodação psicológica de elementos religiosos contemporâneos, condicionados à mentalidade popular”.

Já, Sigmund Freud (*apud* MEZAN, 2006), pontuava que

“a superstição é uma manifestação de neurose obsessiva. As explicações não são evidentes em ritos prescritos. Socialmente primitivas, são transmitidas tradicionalmente. As ligações entre superstição e doença mental não esclarecem a chamada Simbologia Universal para explicá-las”.

O que seriam as reações citadas acima senão a legítima defesa do raciocínio humano que age independente de sua ação e rumo? Várias são as teorias que procuram explicar o fenômeno da superstição dentro da sociologia, etnologia, psicanálise e psicologia, cada uma com contribuições relevantes. Na etnologia e sociologia giram em torno de estudos sobre uma forma de fuga diante de estados de incerteza e a principal contribuição dessas duas ciências não diz respeito diretamente à superstição; a abordagem contribui para o entendimento de qualquer realidade no momento em que se procura investigar e insistir na tridimensionalidade dos fatos sociais e na subordinação ao estado psicológico ou sociológico.

As teorias psicanalíticas partilham à idéia de que, na origem da superstição, não se encontram leis lógicas, mas desejos e imagens “sentimentais”. Freud (*idem*) e seus discípulos, bem como Jung (2004), põem em destaque a importância do componente emocional. Para eles, as práticas e crenças supersticiosas estão profundamente enraizadas no inconsciente. Elas fazem parte da mente de cada um e são suscetíveis à superfície quando certas condições são satisfeitas.

As teorias psicológicas da superstição têm em comum a idéia de que sua análise se estabelece sobre um nível puramente individual e que ela deve ser assimilada a fenômenos postos em evidência em variados lugares, seja no domínio de percepção da memória, no estudo do desenvolvimento do pensamento na criança ou, por fim, no da aprendizagem animal. Tais abordagens desconsideram o contexto social de cada fator, o

que comprove seu interesse pelas diferenças entre os indivíduos em sobreposição ao estudo do fenômeno da superstição. Para alguns teóricos, certos outros ritos compulsórios fortemente carregados simbolicamente poriam fim a um estado de ansiedade criado pelo medo do desafio e do sucesso. Uma tensão afetiva pode explicar que o adulto volte a um estágio do pensamento já ultrapassado há muito tempo.

No que se refere ao campo da religião, observa-se que a superstição tem maior impacto entre aqueles cujos sentimentos religiosos não são coerentes ou não são acompanhados por uma forte integração com o catolicismo. Ela coexiste com as crenças religiosas como forma de responder às necessidades que não são mais satisfeitas pelo catolicismo tradicional. A dúvida, então, novamente se instala: até que ponto começa a religião e acaba a superstição quando, por exemplo, uma missa é “encomenda” para que alguém encontre um emprego?

Assim como na religião, a fronteira entre superstição e para-ciência parece particularmente difícil de ser demarcada também no campo da ciência. Os médicos, como exemplo da comunidade científica, se vêem confrontados por práticas concorrentes cuja eficácia jamais foi verificada, controlada ou reproduzida cientificamente e, por isso, são classificadas como supersticiosas e, por fazerem parte de uma comunidade à qual não se pode pertencer, aderem a um *Corpus* ortodoxo. Mas como se explicam determinados procedimentos com a confiança mágica no medicamento? Volta-se à questão do limite. O que ocorre, portanto, é uma incompatibilidade entre essas crenças e a posse de um saber científico.

Considerando-se tudo que foi dito, a definição de superstição mais cabível é:

- Crenças que, numa determinada época, vão ao encontro de doutrinas e práticas atestadas pelas frações dominantes da comunidade científica e/ou da comunidade religiosa culturalmente mais importante; crenças, essas, geralmente fundamentadas no medo ou no desejo de atrair felicidade, pois é um sentimento religioso baseado no temor ou na ignorância e que induz ao conhecimento de falsos deveres, ao receio de coisas fanáticas e à confiança em coisas ineficazes, crendices; fé em presságios tirados de fatos puramente fortuitos; apego exagerado e/ou infundado a qualquer coisa.

A superstição varia de pessoa para pessoa, de lugar para lugar, de região para região. Umhas ficam adstritas entre componentes de determinadas classes: em uma

família, em um povoado. Outras ficam em uma única pessoa, com seu criador, e a maioria se difunde entre as massas, entre os povos. Mas quem são as pessoas que as praticam? Quase sempre, em elevada percentagem, a superstição é mais acentuada, tem mais domínio entre aqueles que formam a classe acima da média, entre intelectuais e os detentores do poder. Napoleão Bonaparte (1769 – 1821), por exemplo, aos vinte e sete anos, no meio de uma batalha na Itália, percebeu no turbilhão de um combate que no seu bolso se quebrara o vidro que protegia a miniatura de Josefina. Empalideceu horrivelmente, parou o cavalo e afirmou: “Quebrou-se o vidro! Minha mulher está doente ou é infiel. Prossigamos!”.

A tendência à superstição é quase duas vezes mais forte entre as mulheres que entre os homens, de acordo com Cascudo (2001), ao afirmar em seu livro ‘Superstição no Brasil’, que essa diferença entre os sexos se atenua, ou mesmo desaparece, no meio estudantil, quando a maioria pertence à faixa etária jovem. No que se refere ao grau de instrução, verifica-se que não só as pessoas pertencentes a certo nível de educação são as mais suscetíveis a superstições. A atividade profissional também exerce influências quanto à recorrência a credices. São nas profissões caracterizadas pela ocorrência de riscos e possibilidades de incertezas social e física que mais se encontram adeptos à superstição:

- Pilotos,
- Atores,
- Pescadores marítimos etc.

Quando o fator é inteligência, nota-se que quanto menor é o nível de estudo, maior é o ceticismo em relação às superstições, principalmente àquelas intituladas como tradicionais.

O medo é o grande gerador dos crendeiros. As fobias criam pessoas crendeiros e supersticiosas e um sincretismo de crenças engendradas para transformar pecados em virtudes, um temor doentio que as fazem viver num arrebatamento de dúvidas. Em todas as coisas descobrem um mau presságio porque, a seu modo, em tudo acreditam.

Na persuasão de tanger o mal que ele mesmo cria, o crendeiro gera uma crença subjetiva. Em tudo confia porque de tudo desconfia. Procura se esquecer da recomendação de São Paulo: “Evita as práticas vãs e profanas porque só servem muito para a impiedade; e a prática delas lavra como gangrena...” (II Timóteo 2:16).

O crendeiro está em toda parte, em todo meio social, entre o povo e a alta sociedade, entre pobres e ricos, entre ignorantes e eruditos.

As crendices reúnem o que a mente humana criou para se distrair e tentar se proteger. Por exemplo:

1. Na alimentação:

- Quem come pé de galinha fica bisbilhoteiro.
- Quando se vai tomar café, deve-se colocar primeiro o açúcar senão nunca ficará rico.
- Mexer o chá, na xícara, da direita para a esquerda, pode provocar brigas.
- Se duas mulheres servirem o chá do mesmo bule, uma delas terá um filho dentro de um ano.

2. No Vestuário:

- Dá sorte vestir algo pelo avesso desde que isso ocorra por total distração.
- Abotoar uma peça de roupa de forma errada é uma péssima previsão. Logo que for notada a falha, a roupa deve ser tirada, a fim de que se possa novamente ser vestida e desta vez, abotoando corretamente.
- Quando a roupa foi mal abotoada, é sinal de que a pessoa não deve vesti-la naquela ocasião.

3. Em Casa:

- Dá má sorte entrar em uma casa, pela primeira vez, pela porta dos fundos.
- A morte de um dos trabalhadores na construção de um prédio é a pior das maldições.
- É obrigação a pessoa sair pela mesma porta que entrou e, se por algum motivo não o fizer, deve voltar pela mesma porta e sair pela porta certa.
- Percorrer a casa nova carregando um pedaço de pão e um pires com sal atrai a boa sorte.

Sabemos que no Antigo Egito as simpatias já eram utilizadas. Entre os celtas, na antiga Bretanha, os druidas atingiram um conhecimento surpreendente na arte das simpatias, com suas reuniões realizadas nos bosques de carvalho. A sua magia, ainda hoje surpreendente, é, em muitos pontos, inexplicável. Na Idade Média elas atingiram um refinamento máximo e sua utilização, muitas vezes, era confundida com a bruxaria, levando homens e mulheres às fogueiras. Cascudo (2001), em seu livro ‘Made in

África’, descreve as simpatias trazidas pelos escravos vindos do continente africano. Da mesma forma, os portugueses que nos colonizaram também “carregavam e espalhavam suas simpatias e superstições”. Os imigrantes vindos de todas as partes do mundo tinham detalhes próprios para acrescentar ao vasto e inesgotável repertório de simpatias populares. As simpatias estão firmemente arraigadas em nosso folclore, costumes e tradições, relatadas em Cascudo (2000). Comumente elas são transmitidas em conversas e evoluem com o tempo, como se percebe nas constantes adaptações em cada uma delas. Esse é o detalhe mais fascinante das simpatias que fizeram e fazem, ainda hoje, parte da vida de muitas famílias, não apenas das chamadas “incultas”, mas também daquelas que compõem os demais níveis de nossa sociedade.

A forma como as simpatias vão se adaptando aos novos tempos revela que seus componentes principais não são os ingredientes utilizados, mas algo mais profundo, superior e aparentemente indecifrável. A sabedoria popular afirma sempre que a fé é esse componente principal. Sem ele, a simpatia não tem sentido e nada resolve. Somos forçados a acreditar nisso. A fé parece ser o fundamental elemento das simpatias, mas, para que o processo seja completo, torna-se necessária a utilização de elementos que a canalizem, representando um potencial incomensurável de energia positiva ou negativa, pois ao serem utilizados determinados materiais numa simpatia, “eles se tornam o fio condutor da fé, o elemento mágico e insubstituível para o sucesso” (CASCUDO, 2001, ‘Superstição no Brasil’).

Apresentamos, então, a seguir, partes de heranças que recebemos das etnias presentes na formação do nosso povo, no que diz respeito às superstições, crendices e simpatias:

a) No trabalho:

PARA GANHAR DINHEIRO: basta pegar uma espiga de milho grande e bem formada, descascá-la, escová-la com uma escova de cerdas naturais para retirar impurezas, depois amarrar uma fita verde no meio dessa espiga e pendurá-la num local alto de seu estabelecimento. Trocá-la a cada três meses. A que for retirada deverá ser enterrada em um jardim.

b) Para a saúde:

PARA DOR DE CABEÇA CRÔNICA: uma das simpatias mais utilizadas na cura desse mal é a casca de amendoim, preparada da seguinte forma: no momento em que a dor se manifestar, a pessoa deverá retirar sete fios de seus próprios cabelos (dois de cada têmpora: um da testa, um do alto da

cabeça e um da nuca), enrolá-los e colocá-los dentro de uma casca de amendoim sem as sementes, fechando-a. Enrolar uma linha preta em toda a extensão da casca, cobrindo-a por completo, como se fosse um casulo. Após isso, enterrá-la num local seco e ensolarado. Quando a dor ameaçar se manifestar novamente, ir até o local e pisar nele, com força, sete vezes, usando o calcanhar direito.

Lembre-se do dito popular: “Tentar não custa nada!”.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CASCUDO, Luis Câmara. *Superstição no Brasil*. São Paulo: Global Editora: 2001.
- _____. *A princesa de Bambuluá*. São Paulo: Global Editora: 2001.
- _____. *Made in África*. São Paulo: Global Editora: 2001.
- _____. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global Editora: 2000.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 2001.
- FRAZER, James George. *La Rama Dorada – Magia y Religión*. México: Fondo de Cultura Economica, 1956.
- HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. *Sobre o Sacrifício*. São Paulo: Cosac & Naif, 2005.
- JUNG, Carl Gustav. *Obras Completas de Carl Gustav Jung – XI / 1*. São Paulo: Vozes, 2004.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, Ciência e Religião*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- MEZAN, Renato. *Freud, Pensador da Cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

*HÉLIDA BORGES TELES BARBOSA é graduada em Letras (Português e Inglês) pela UFPE; especialista em Língua Inglesa pela PUC de Minas Gerais; mestranda pela Universidade Tecnológica Intercontinental – UTIC; e doutoranda pela Universidad San Carlos, em Ciudad Del Este – PY.

KAREM CRISTIANE BIANCHI MEDEIROS RODRIGUES é graduada em Estudos Sociais pela URCAMP; especialista em Metodologia do Ensino pela UPF; especialista em Cultura Religiosa pela EST; e mestranda pela Universidade Tecnológica Intercontinental – UTIC, em Ciudad Del Este – PY.